

Discurso de Patrono - Formatura da turma de Economia da PUC-Rio de 2006.2 em 21/7/2007

Saudações

...

Queridas formandas e queridos formandos,

Quando a Renata (Fiúza) me disse que havia sido escolhido patrono desta turma, fiquei muito alegre e honrado. Pensando no que dizer a Vs., jovens, que hoje recebem o grau de economista, instintivamente, fui levado a pensar no discurso de minha própria formatura há quase um quarto de século. É bastante tempo. Neste período, a maioria de Vs. nasceu, cresceu e hoje completa uma importante etapa na passagem para a vida adulta.

Como sou um otimista, minha atenção foi trazida imediatamente para a principal melhora que ocorreu desde então: a reconquista da democracia. Temas como torturas, desaparecimentos, exílios e censuras não são hoje mais objeto de preocupação. Embora a História nos ensine a sermos cuidadosos—já perdemos em 64 a democracia conquistada em 46—sem dúvida, a democracia foi a grande conquista dos últimos 25 anos que, Oxalá, não haveremos mais de perder.

Como Patrono, devo passar a Vs., formandas e formandos, alguns ensinamentos úteis para a nova fase da vida. Vindo hoje de Búzios, onde estava de férias, pensei em enaltecer as virtudes do uso do filtro solar, mas acho que poderia ser acusado de plágio. ☺ Vou, então, ousar dar outros dois conselhos a Vs..

O primeiro é que Vs. tenham sempre em vista a dimensão do país em que vivem. Esta cerimônia marca a culminação de um processo. Vs. mereceram chegar aqui depois de muito estudo, de muito esforço, pessoal e de seus pais, familiares e amigos, que os apoiaram material e emocionalmente.

Mas há uma quantidade enorme de jovens brasileiros que não tiveram a mesma sorte. Mais grave, apesar de alguma melhora, nosso país continua a gerar desigualdade social em proporções

muito maiores do que nosso estágio de desenvolvimento material justificaria. Nesse aspecto o avanço dos últimos 25 anos ficou muito a desejar. Cabe a todos nós, e, a partir de agora, muito também a Vs., fazer com que possamos mudar essa realidade vergonhosa.

Muitos dentre Vs. trabalharão diretamente com formulação de políticas públicas que poderão afetar diretamente a desigualdade social, a pobreza e a miséria. Outros trabalharão em empresas, em instituições e, também, espero, em universidades. Seja onde for, é muito provável que o trabalho de Vs. como economistas os coloquem frente a oportunidades de melhorar o quadro social ainda deplorável de nosso país. É importante que Vs., a elite, nunca percam de vista esta missão.

O segundo conselho é que aproveitem muito bem a vida profissional que ora se inicia. Na formatura de Economia há um ano, o patrono, prof. Pedro Malan, fez uma citação de Freud que achei muito apropriada para formaturas, e, por isso, permito-me repeti-la, sem implicá-lo caso não a reproduza corretamente. Para ser feliz, o ser humano precisa de duas coisas: amar e obter realização profissional. Apesar da sabedoria convencional contrária, a Economia dá amplo espaço para a realização profissional de Vs.

A Economia já foi acusada de ser uma ciência deprimente (*the dismal science*). Eu discordo! Como meus ex-alunos, Vs. bem sabem que sou um apaixonado pela Economia, além do Botafogo. Acho ambos empolgantes, embora nem sempre consigam os resultados desejados. 😊

Vs. aprenderam a compreender o funcionamento do mundo de uma forma um tanto distinta do que teriam caso não tivessem se dedicado ao estudo da Economia. Chamamos isso de “aprender a pensar como economista”. Essa forma de pensamento envolve várias dimensões.

Entender as conseqüências orçamentárias das diversas decisões é um dos principais requisitos de saber “pensar como economista”. A frase famosa de Milton Friedman—não há almoço grátis—encapsula a idéia de que alguém, no fim, tem que pagar a conta. Lembrar isso em uma comemoração animada no bar, e, pior ainda, parar o papo animado para tratar de rachar a “dolorosa” certamente é tarefa das mais chatas e que não granjeia simpatia a quem dela se desempenha. Normalmente, na vida profissional, tal função cabe a nós, economistas. Muito por isso, provavelmente, somos taxados de deprimentes.

Exemplos aparecem todos os dias nos jornais. Vou pegar aquele que faz o economista parecer mais insensível. Recentemente, o governo decidiu elevar o salário mínimo para R\$380. Quem com um mínimo de sensibilidade social pode ser contra a elevação de um salário mínimo tão baixo em um país de tanta desigualdade? Esta idéia é intuitiva e tem larga aceitação na sociedade.

Cabe a nós economistas prover à sociedade a opinião técnica dos efeitos da decisão de elevar mais rapidamente o salário mínimo. Qual o efeito sobre o endividamento público? Qual o efeito sobre a carga tributária? Qual o efeito sobre a inflação e sobre a taxa de juros? O aumento mais rápido do salário mínimo ajudará a economia a crescer mais rápido ou prejudicará o crescimento? Para diminuir a desigualdade social e combater a miséria e a pobreza, aumentar o salário mínimo é a melhor solução? Ou haveria alternativas mais eficientes, como aumentar a dotação do programa Bolsa Família? Responder a tais questões é nossa função.

Infelizmente, no Brasil, há muitos economistas sem formação tão esmerada quanto a que Vs. receberam que parecem fascinados por propostas mágicas que violam flagrantemente restrições orçamentárias. Tais propostas, quando colocadas em prática, acabam por produzir conseqüências elas, sim, deprimentes, como atesta nosso passado hiperinflacionário.

Para que o Brasil possa prosseguir no rumo que queremos—com democracia, com crescimento econômico, com mais justiça social—é imprescindível que nós, economistas, municiemos a sociedade de análises das conseqüências de decisões que afetam a economia e, em última instância, toda a sociedade.

Ao completar esta fase de sua formação profissional--que desejo vá ser complementada por estudos em nível de pós-graduação-- Vs. passam a dispor de um poderoso instrumental técnico que os habilita a enfrentarem importantes desafios profissionais. Procurem sempre usar da melhor forma o instrumental que foi colocado à disposição de Vs. para responderem a tais desafios com seriedade, com criatividade, sem dogmatismos e, sobretudo, com muita dedicação. Nunca deixem de encarar um desafio profissional por o acharem muito trabalhoso ou complicado. O remorso de não ter tentado é geralmente muito pior do que a eventual frustração por não ter conseguido. Vs. têm o mundo à sua frente, cheio de oportunidades. Nesse caminho que hoje se inicia, podem contar sempre com esta casa e estes professores para apoiá-los.

Desejo a Vs. boa sorte e muito sucesso.

Muito obrigado,

Márcio Garcia